



# **NO RUMO DA COBRA GRANDE**

por Julia Pascali

## **NO RUMO DA COBRA GRANDE**

Julia Pascali

Deve ter um cantinho aqui dentro de mim onde tudo nasce. Meu pai, meu pai querido, fazei com que eu possa estar sempre bem pertinho do senhor. Faizei com que eu possa fazer brotar de dentro de mim todas as mensagens da mata, todas as mensagens da Amazônia. Me permita vir à tona, meu pai, me permita atravessar todas as águas, sair daqui do fundo... do fundo dos rios, do fundo do mar... me permita ascender à superfície pra levar as mensagens das águas e o conhecimento profundo que elas guardam. Me permita, pai, chegar à superfície, andar ao alto, andar pra lá, pai querido. Sou esse ser encantado das águas e, daqui do fundo, venho a esta gente pra me abrir. Como devo me abrir, meu pai, como eu vou me abrir, meu pai?

***- Traga todas as formas. Traga todas as formas do Céu. Traga todas as formas da Terra. Junte-se aos beija-flores e lembre-se sempre de juntar o Céu e a Terra dentro de você.***

O espírito do Beija-Flor me ajudou! O segredo do Beija-Flor se juntou ao encantamento das águas! Céu e Terra se uniram dentro de mim!

Agora eu posso estar aqui, diante de vocês, testemunhando, contando a história de tantos outros seres encantados que habitam as matas e a Amazônia ... minha mãe... A minha mãe é a Amazônia! É minha mãe Amazônida, é minha mãe que é das águas, é minha mãe que é das matas, minha mãe que é de todos os animais, de todas as plantas e frutos silvestres, de todos os insetos, de todas as águas, os rios, os igarapés, os igapós, os alagados, as canoas, os barcos, os navios, AS PEDRAS, AS PEDRAS, AS PEDRAS...MEU PAI! A MINHA MÃE É A AMAZÔNIA! A MINHA MÃE É DA AMAZÔNIA! A minha mãe é toda a mata, a minha mãe é toda a água, a minha mãe é a água de onde eu vim, de onde eu surgi e de onde vieram todas estas pedras. Assim, meu pai, eu sou filha da Amazônia. Assim, minha mãe, eu sou sua filha Amazônida e aqui diante de vocês, testemunho, trago as histórias de vários outros seres encantados.

Vamos no caminho da Cobra-Grande, vamos percorrer a Cobra-Grande. Ela é nossa guia, do rabo até a cabeça. Ela passa desde ali, do igarapé, ela passa por baixo de todos vocês, com o corpo, e a cabeça termina aqui, no beco da Cobra-Grande, bem embaixo de onde me encontro agora. Estou sentada sobre sua cabeça e toda a memória da cobra passa pra a minha assim...

Primeiro lhes conto da beleza e generosidade da minha madrinha que é a sumaumeira, a mãe de todas as árvores. Ao longe, na mata se avista a sumaumeira, a árvore mais alta de todas as árvores, a madrinha do lugar, a sumaumeira encantada. O seu tronco acolhe casas monumentais, misteriosas, cheias de recantos, cheias de pequenos animais, cheias de pequenas plantas, onde me criei e cresci, ao lado de musgos, insetos e visagens, seres encantados da mata, contos e vozes.

Um dia um homem vinha passando diante de nós, com uma poronga e uma vara pra espantar arraia. Ouviu um apito assim.... Fiute! Fiute! e comentou:  
- Ah! Esta é a Matintaperera, eu conheço esse assovio. Ah!... eu sei como fazer pra ela se aquietar.

“Passa amanhã lá em casa pra buscar tabaco, dona Matinta!”

E ela foi. Na manhã seguinte, bem cedinho mesmo, apareceu uma senhora lá pras banda do Igarapé do Combu, onde morava o seu Boquinha, esse era o nome daquele homem tão bom. Bateu na porta da casa dele, que de tão cedinho ainda tava fechada, e perguntou:

- Oi compadre, será que o senhor podia me dar tabaco?

Aí ele descobriu que aquela senhora era Matintaperera, e quando se descobre quem é a Matinta ela para de andar e assoviar pela mata e bota todo o cabelo na cara pra se disfarçar.

No outro dia, lá vinha o seu Boquinha de novo com a poronga e a vara, quando ouviu um barulho assim.... Tsississsisssssss.... O barulho da

cascaavel. Aí a gente tem que apagar a poronga. A cascavel dá um aviso. Ela não gosta de luz. E se você apagar a luz ela não vai te incomodar. E quem é cuidadoso e atento, amigo da mata, amigo das cobras, amigo dos animais e das plantas ... Você! Que está carregando dentro de você o Céu e a Terra, e todos os segredos das águas... Você! Que é da Tribo do Beija-Flor ... Você vai apagar a poronga e desviar do caminho da cascavel. Por que ela pode estar disfarçada...

Tem uma moça encantada que às vezes se faz aparecer. E se alguém está passando por perto ela deixa a voz sair e diz assim:

- Olha, tu vai naquele beco. Tem uma árvore grande lá. Pega aquele pau e, de noite, vem aqui. Tu só, ninguém mais. Eu vou me apresentar pra ti em forma de uma cobra. Aí quando tu me veres, bate na minha cabeça que eu me desencanto. Quero virar moça, mulher.

De noite a pessoa vai lá pro beco da cobra. Aí ela ouve assim:

- Bate na minha cabeça mas não olha pra cima não. Olha só no lugar da cabeça. Não olha pra cima.

Aí a curiosidade vence a pessoa... ela olha pra cima ...e vê aquele corpo todo de cobra, imenso, colorido... e fica hipnotizado pela maravilha da cobra. Desmaia. Quando acorda, a cobra já não está mais lá. E a pessoa não se lembra de nada. A cobra foi embora.

Numa festa que houve aqui perto, ali na beira, onde o igarapé do Combu se encontra com o rio Guamá, havia um rapaz lindo que só, e as moças estavam de facho por causa dele. Todas queriam dançar com ele. Ele foi ficando cansado... Chegou na dona da casa e disse que queria descansar. Ela falou:

- Vai lá no fundo, vai lá no quarto de trás.

E deu uma rede branca, limpinha pra ele dormir. Ele foi pra lá armou a rede no quarto e deitou. Daí as duas moças queriam muito encontrar com ele. E foram procurando por toda a casa. Andavam daqui andavam de lá e não encontravam o rapaz, até que foram dar lá no quarto do fundo. Uma desceu olhou pelo buraco da fechadura, e viu uma cobra maravilhosa, com metade do corpo na rede e metade do corpo no chão. Não disse nada. A outra moça foi

olhar ...e quando deu com aquele corpo ...metade dentro da rede, metade fora da rede... colorido... de cobra!!! Deu um berro. Um berro destes de arreentar o ouvido. A cobra que estava encantada, dormindo, se assustou e estrondou. É... Estrondou tudo. Sabe que? Levou tudo pro fundo da água... a casa, a fazenda, a festa, as pessoas, tudo.

São os mistérios da mata. Aqui no pé da sumaumeira, uma vez, passava um grupo de pessoas. Vinham caminhando de noite, quando viram, ao longe, uns sinais luminosos como bolas de fogo pairando no ar.

- Será um barco a vela?

- Não! Está muito veloz e a maré está parada.

As bolas de fogo foram se aproximando.

- É visagem! É visagem!

- Quem é que pode mais que Deus! Quem é que pode mais que Deus!

Assim todos foram ficando bem parados, de olhos abertos, repetindo: "Quem é que pode mais que Deus! Quem é que pode mais que Deus!" um por um, e as bolas de fogo foram passando, passando até sumir no breu da mata.

- Oiara, boto, navio encantado, matitaperê, boitatá!

- Oiara, boto, navio encantado, matitaperê, boitatá!

Êita! canto bonito este da Oiara. Quanta gente se perde na mata procurando essas meninas loiras do canto doce. Elas aparecem pra encantar quem anda assim, sem muito rumo pela mata. Se disfarçam de companheira e ficam na beira do igarapé atraindo gente pro fundo da água. São os encantados da água. Ih! Tá cheio assim de história de encantado das águas.

Dizem que noutra festa haviam três rapazes muito lindos e elegantes, vestidos de branco, com chapéu de marinheiro, dançando com todas as moças. Bem pertinho da meia-noite eles foram saindo. Um moço que andava curiosando por lá resolveu segui-los e foi pela escuridão, caludo, caludo, sem nenhum barulho, seguindo o passo dos três. Quando chegaram na beira do rio, encima da ponte (da ponte que não cruza pra lugar nenhum), os três foram

mergulhando na água e se transformando em boto. É!... Esses rapazes eram botos...os encantados do rio que viram gente, moço bonito.

E... um deles, nasceu da mão da Tia Angélica, que eu conheci muito bem. Ela vinha sempre catar andiroba pra fazer óleo de cura, na andirobeira aqui do lado. Uma noite, já de madrugada, ela estava dormindo e bateram na porta. Um senhor muito bem vestido e elegante, aflito, disse assim:

- Minha senhora, me acompanhe, por favor. Venha acudir a minha companheira, que ela não pode ter a criança.

Ela pegou a bolsa de serviço e foi seguindo o homem pela mata. Quando chegou na beira do rio, e que ela não viu barco nenhum, ela disse:

- Mas onde é a sua casa então?

- Olha, a senhora não se preocupe, não se preocupe que a senhora vai saber onde é. Venha, se atraque na minha costa, feche os olhos que não tem nenhum perigo. Não abra o olho e não se incomode que não vai acontecer nada, nada, pra senhora!

Ela tacou a bolsa no peito do homem, se atracou na costa dele. Ele mergulhou na água. Ela fechou os olhos e se pegou com tudo quanto é santo. Rezava pra Santo Antônio, pra Santa Clara, pra São Jorge... e ia varando o rio por baixo d'água. Quando chegaram, foi que ela abriu o olho. Acordou e viu que a senhora dele era uma bota e que o nenê-boto não podia nascer porque estava atravessado. E ela:

- E agora, como é que eu faço?

E ele:

- Não tenha medo. Pode fazer o parto, que a minha senhora está em perigo.

Aí Tia Angélica fez o parto na bota e nasceu o botinho. Assim é por aqui... gente e animal se misturam... são que nem irmãos.

Uma vez Laura e Maura, duas comadres, iam tomar banho no meretizeiro. A Laura ficou grávida. A Maura, que era parteira, foi fazer o parto. Nasceu uma linda menina, a Luiza. Quando a Maura falou:

- Hei, comadre! Espere... que ainda tem outra criança.

Quando a parteira viu... foi uma cobra, a cabeça chata, grossa, mas curta... tinha mais ou menos uns 70 cm.

- Olha comadre! é uma cobra que a senhora vai tendo!

Aí uma voz disse assim:

- Não mata, não mata! Batiza e joga no meretizeiro.

Aí a comadre batizou e foi jogar a cobrinha lá no meretizeiro. Resultado disso: ela foi se criando. Tinha dias que a cobra vinha pra mamar na mãe dela. Mamava, mamava, mamava, de noite... e a Luiza também, né? Luiza de um lado do peito, irmão-cobra do outro.

Quando o irmão-cobra chegou perto dos sete anos de idade ele disse pra mãe:

- Mamãe, vá lá no pé do meretizeiro, vá me dar uma pancada na cabeça, que eu desencanto.

A mãe foi até lá e não teve coragem. A cobra disse:

- Ai! Mamãe, redobrou o meu encanto.

...

A Luiza tinha uma boa amizade com o irmão-cobra. Quando ela ia pro meio do rio, o irmão se apresentava como homem... com camisa listada, calça de listra e um chapéu pendurado de fitas. Ele sentava no meio do rio, na flor d'água e ficavam juntos a ver os peixes... Passou-se, passou-se...

Quando ele fez 21 anos, foi pedir novamente pra mãe desencantá-lo.

- Jogue um copo de leite na minha cabeça mamãe.

...

Agora... não se sabe mais o que aconteceu... se ela teve coragem de desencantar o filho-cobra, que já estava com mais de 20 metros de comprimento... ou se ele ficou encantado para sempre.

Acontece que a mãe ficou perdida pela mata. Ninguém mais encontrou.

Alguns contaram que ela foi mundiada, encantada pelo Curupira.

O curupira não gosta de quem maltrata os animais dentro da mata. Quando a gente quer sair da mata e não consegue... se a gente fica dando volta no mesmo lugar... passando sempre em frente da mesma árvore ...o que precisa fazer é o seguinte: pegar um cipó que esteja pendurado numa árvore bem alta. Aqui na sumaumeira sempre tem algum. Pega o mais cumprido que você

encontrar. E fica enrolando...enrolando... até uma hora se for. No fim a gente esconde bem as pontas. Joga pra trás, sem olhar pro cerradão, e vai andando. O curupira não pode ver nó pela frente. Ele se diverte querendo desfazer o nó. Então, quanto mais cumprido for o cipó, mais tempo ele fica se distraindo, se esquece da gente e fica mais fácil encontrar o caminho de casa.

Falar em casa... Aqui é o Beco da Cobra Grande, onde morava um pajé, um *uaintessu*, da tribo dos Nambiquara. Esta é a história dele.

A mulher de um homem morreu.

Ele não queria porque ela era bem bonita.

Mas ela morreu.

Daí ele rezou, rezou...

Ficou pensando, pensando, pensando...

Ele queria de volta a sua mulher.

Certo dia ele saiu pelo campo e encontrou penas e ossos de periquito morto.

Juntou tudo direitinho na mão, dando forma de periquito. Cuspiu, soprou... o periquito voou.

Juntou restos de um gafanhoto. Cuspiu nele... soprou... o gafanhoto voou também.

Juntou as partes do mutum - um pássaro grande e preto - que morreu. Ele também voou.

Encontrou uma anta quentinha, que tinha morrido há pouco... Cuspiu, soprou... e a anta correu.

Então ele percebeu que era um homem sabido, um *uaintessu*, um sábio como dizemos nós, e pensou:

- Eu vi que eu sei mesmo reanimar a vida! Vou experimentar com minha mulher!

Um dia toda a gente da aldeia saiu pro campo e ele ficou sozinho.

O *uaintessu* preparou um *xiri* de palha, com mandioca, *beiju*, alguma fruta e uma cuia com água.

Colocou o cesto em cima do corpo da mulher enterrada, e pensou:

- Vou fazer um cigarro e soprar nela a fumaça.



Então, ele descobriu a terra, comeu a comida, cuspiu sobre o corpo da mulher e soprou a fumaça....

A mulher levantou.

Ele pegou na cuia com água e deu um banho na mulher.

Seguiram pra casa.

A mulher do *uaintessu* tinha mãe e irmão.

Quando a mãe dela voltou pra casa, falou pro seu filho (o irmão da moça reanimada):

- Vá na casa do seu cunhado buscar um tição pra acender o fogo.

Ele foi. Quando chegou adiante foi entrando direto na casa do cunhado.

O cunhado pediu pra ele esperar fora.

A criança não respeitou. Entrou e espiou lá dentro.

Viu a irmã viva, viva, e foi pra casa contar pra a mãe.

A mãe chorou muito porque se lembrou da filha que tinha morrido.

Ela não podia chorar. (Controlar a tristeza é muito importante.)

A mulher ouviu o choro da mãe e sumiu. Ela morreu de novo.

O *uaintessu* ficou muito bravo.

Criou um raio que destruiu toda a aldeia.

Assim veio a morte. Agora a gente morre.

Se o menino não olhasse lá dentro, a irmã dele não morreria mais ... a gente não morreria mais.

Agora, com as pedras na mão, nós vamos aprender a controlar a tristeza. Vamos encontrar todos os segredos das águas. Todas as histórias de encantados e, como a gente Beija-Flor, vamos unir a Terra e o Céu dentro de nós. Toda a vez que encostarmos a pedra no ouvido vamos ouvir aquela voz que me trouxe até aqui:

**- *Traga todas as formas..., traga todas as formas do Céu... traga todas as formas da Terra... junte-se aos beija-flores e lembre-se sempre de unir o Céu e a Terra dentro de você.***

Estou escutando um apito de navio. Este é o navio encantado que aparece sempre perto da festa de São João do lado de uma ilha maravilhosa. Um canoeiro, uma vez, teve vontade de conhecer o navio encantado. Amarrou sua canoa na escadinha de corda do navio, e foi entrando... conhecendo tudo lá por dentro. Tinha muitos andares, com camarotes, salão de festa, e tudo preparado, com comida e instrumentos musicais. Mas não tinha ninguém... Estava vazio! Ele ouviu uma voz assim:

- Bate! Bate!

Era pra ele bater no bumbão e fazer um baque bem grande. Mas ele não teve coragem. Saiu correndo. Desatou a corda da canoa e quando ele estava mais ou menos há dois metros de distância, o navio afundou.

E eu ... Eu vou indo junto com ele. Volto pro fundo das águas, onde nasci... e deixo pra vocês a pedra com todos os segredos dos encantados da Amazônia. Encostando a pedra no ouvido, Terra e Céu vão se unir dentro de vocês, espantando todas as tristezas.